

EUphyra

Palavras de uma Medusa que queria voar

Storytailors

por Ana Leonor Freire Branco

Todos os dias despontavam com auroras bureais e orquestra de música clássica. No céu, os peixes mais pequenos, mais leves, avançavam, primeiro ainda sonolentos, fazendo arrancar progressivamente os violinos, dando início ao espectáculo. Não tardava a que, pouco a pouco mais velozes, se metessem com os maiores, rodopiando em torno deles, criando redemoinhos de água, pequenas flautas que faziam cócegas e impeliavam os mais bonacheirões a despertar. Ao som das notas graves dos trombones, os mamíferos dormentes, respondiam com sons agudos e alegres de piano. Só então vinham à janela os crustáceos que gostavam de permanecer na cama por mais tempo. A curiosidade não desvanecia, ainda que se repetisse dia após dia, vinham espreitar as bailarinas, as últimas a entrar em cena. Nunca faltavam, nunca se enganavam. Não existia o conceito de erro por aquelas bandas. Os violinos intensificavam-se, o piano anunciava, as flautas abrandavam e elas espreguiçavam os mil bracinhos, soltando os balões translúcidos. Surgiam dos fundos mais fundos. Ninguém sabia ao certo onde pernoitavam, ou como o faziam, mas de manhã subiam invariavelmente para se mostrar. Após uma noite de sono, em que todos se mostravam pouco aperaltados, de roupões, chinelos e cabelo emaranhado, se tal se pudesse dizer, elas apareciam resplandecentes, frescas, sempre vestidas a rigor, como se não precisassem de qualquer preparo, como se, naturalmente belas, não precisassem de qualquer boudoir onde se arranjar. Entravam altivas, resplandecentes, de rompante numa sociedade que as admirava, que as esperava, anunciando assim o fim de um despertar o começo do dia. Todos os dias. Todas as manhãs.

Depois, a orquestra abrandava suavemente até ser substituída pelos procedimentos habituais. Os peixes pequenos e os mamíferos viajavam felizes até à superfície. Para eles existia outro céu. Os grandes iniciavam os seus passeios e galanteios. As medusas dançarinas enfeitavam o mar. Era esta a sua única função. Os crustáceos recolhiam ao aconchego dos seus lares.

EUphyra hoje, não estava bem disposta. Mais um dia, mais uma manhã. Sem outra utilidade. Ao acordar, seguia-se o habitual ritual dos mil braços. Uns lustravam e desdobravam o balão, de forma a torná-lo mais suave e brilhante, outros lavavam-na com as algas mais verdes e sadias que procurara diligentemente na véspera, outros ondulavam a água à sua volta, de modo a dar aos seus membros a elasticidade e agilidade desejada. Tantos cuidados, tantos, só para subir, só para aparecer, para oferecer aos espectadores uma beleza "natural". Não seria ela porventura bela se o seu balão fosse um pouco mais baço? Se os seus braços fossem ligeiramente menos delgados? Seria ela menos formosa se não provocasse na água os jactos massajantes? Nunca o saberia. Pois nunca lhe fora dada a hipótese de experimentar mostrar-se e ver-se sem todos esses trabalhos. Não lhe parecia viável não os realizar. Se todas as outras bailarinas o faziam, porque se recusaria ela? Como se recusaria ela? Seria a feia, a comentada.

Hoje estava farta. Farta de obrigações que na verdade nunca lhe haviam sido directamente impostas, mas que lho eram sem dúvida sugeridas pelo contexto que a envolvia. E como o eram! Não só estas que de uma ou outra maneira pertenciam ao foro da beleza. Tantas outras... Porque tinha de se pavonear pelo meio dos outros?

Era mais uma criatura no fundo do mar. Achava que noutra sítio, de outra forma, viveria muito melhor, sabia-o, como muitas criaturas do fundo do mar.

E portanto queria voar. Sair dali. Não via, nem conhecia nenhuma outra experiência. Mas sabia que existia quem voasse.

Sabia que existiam pássaros. Outros seres tinham um tipo de vida diferente. Era possível. Mas não era a sua. Sabia que na sua forma de ser se podia aperfeiçoar. Mas não queria esta sua forma de ser. Era outra que queria e, como tal, nada fazia para se aperfeiçoar.

Sabia mais. Que existia canto. Havia quem cantasse. Pássaros, com certeza, uma vez mais. Seres que cantam. Música. Até agora desconhecia o que poderia ser. Música? Via de facto balançar a sua saia de mil braços reluzentes. Seria Música? Falaram-lhe, sim, no que se ouve. Em sons coordenados que tornam apetecíveis momentos, cenas, situações. Sons que, em conjunto, provocam movimentos e dão vontade de dar expressão ao corpo. Sons que dão vista. “E não são todos iguais”, haviam advertido. Sons? O que é um som? “Um som é um toque. Um toque na areia muito fina, seguido de um toque na rocha muito dura e de outro de novo na areia fina é música.” Há os que comovem, há os que fazem rir, há os que fazem voar. É por isso que voam os Pássaros, concluiu.

Pássaros, seres tão leves que cantam. Seres que cantam e por isso voam. “Um pássaro não toca, porque voa, mas, como voa porque canta, ao cantar, toca”. “A música não se vê!”, disseram. Mágicos, então agora esses seres. Voam e criam o que não se vê. Também posso cantar... E talvez assim levante vôo. “Voar é como saltar, mas por mais tempo”, explicaram. Mas nem saltar sabia o que era. Mover-se de baixo para cima. Sim, mas isso sabia fazer. Saltar, é isso?

“Não, no fundo do mar é difícil saltar. Tens de ir à superfície. Ar e Água. São elementos diferentes”...

Acto I – O sonho de EUphyra – A Medusa que quer ser pássaro

Personagens: EUphyra, a Medusa / Carapau

Cenário: Pousada numa rocha, EUphyra olha atenta os movimentos monocórdicos dos peixes leves. Nadam primeiro para a frente, depois para trás. Ao vê-la, tal estátua encantada, um carapau distancia-se dos outros peixes e vem falar com ela meio a medo.

Carapau: - Bela Medusa, se me aproximar de ti, não me transformas em pedra,?

EUphyra: - Não sejas parvo, claro que não!

Carapau: - Mas dizem os mitos do mar que é isso que fazem as medusas, para além de dançar, está claro!

EUphyra: - Não digas disparates! Isso eram os meus antepassados! Não nadas perto de medusas todos os dias? Porventura fazem-te mal?

Carapau: - Sim, mas nunca falei com nenhuma...por causa dos mitos...

EUphyra: - Lá está! Mais uma coisa ridícula! Tenho estado a reparar em tantas ultimamente. Quase tudo o que fazemos, ou deixamos de fazer não faz sentido nenhum! Temos sempre medos idiotas, ou crenças parvas metidas na cabeça e, olha, dá nisto!

Carapau: - Não sei o que é que te deu! Parecias tão bonita lá de longe, enquanto estavas caladinha! Agora, ao ouvir-te falar, já não sei se tenho tanta vontade de continuar a conversar contigo.

EUphyra: - Isso, então vai-te embora, tanto me faz. Não acrescentas nada ao que estou a pensar.

Carapau: - Bem, que amargura! O que é que se passa, senhora medusa?

EUphyra: - EUphyra, chamo-me EUphyra. E podes ficar aí pousado se quiseres, é-me indiferente. Só te peço que não fales mais comigo. Tenho muito em que pensar.

Carapau: - Ai sim? Então, diz-me lá, medusa pensante, em que pensas tu?

EUphyra: - EUphyra, chamo-me EUphyra. E não posso parar de pensar para te explicar o que estou a pensar. Deixa-me. Tenho coisas para resolver.

Carapau: - Até te podia deixar em paz, medusa refilona e antipática, mas como não tenho nada para fazer neste momento, apetece-me saber que coisas são essas que tens por resolver.

EUphyra: - EUphyra! E não consegues perceber que não posso parar? Tenho um sonho e quero, vou concretizá-lo! Só estou a reflectir na melhor maneira de...

Carapau: - Um sonho! Que bonito! Com que será que sonham as medusas?

EUphyra: - Contigo não é de certeza!

Carapau: - Não sejas antipática, vá! Diz-me lá qual é o teu sonhozinho, pequena medusa.

EUphyra: - EUphyra! Chamo-me EUphyra! E quero...voar.

Carapau: - Ah! Ah! Ah! Que querida! Queres voar, é pequenina! Que querida, uma medusa que quer voar! Já tinha ouvido muita coisa, mas isto! Hi! Hi! Voar?

EUphyra: - Sim, voar! E podes rir à vontade! Hei-de conseguir! Vais ver!

Carapau: - Claro, claro, pequena medusa sonhadora. Dizes-me como?

EUphyra: - Parece-me óbvio! Tendo asas, claro!

Carapau: - Óbvio, sem dúvida! Tens toda a razão! Mas só por curiosidade, já viste alguma medusa comm asas?

EUphyra: - Não! Mas não achas que todos os grandes empreendimentos e as grandes invenções começam sempre por ser algo que nunca ninguém viu? Mas pouco me importa o que criaturas estúpidas como tu possam pensar. Eu quero ter asas! E vou tê-las!

Carapau: - Mas e como pensas tu ter asas, minha pequenina?

EUphyra: - Já me comesças a irritar! Vou-me transformar em pássaro! Porque as asas que quero têm de ser leves e bonitas e porque já ouvi dizer que os pássaros são leves e bonitos.

Carapau: - Claro! Transformares-te em pássaro! E como julgas tu conseguir tal proeza?

EUphyra: - Mesmo se soubesse, não te dizia!

Carapau: - Claro e de facto nunca me vais dizer, sabes porquê? Porque é impossível!

EUphyra: - Vou ser pássaro!

Carapau: - E eu vou ser uma formiga!

EUphyra: -. Insignificante já tu és!

Carapau: - Mas que má! E tu por acaso sabes o que são asas, medusazinha? Sabes como usá-las?

EUphyra: - EUphyra! Não sei o que é ter asas! É por isso que quero tê-las! Claro! E depois, sabes, o quero mesmo é ser diferente. Se as asas me permitirem isso, então quero ter asas!

Carapau: - Sim senhora! Muito engraçadinha! Mas agora vamos lá acentar o balaozinho na rocha e pensar a sério...

EUphyra: - Que nojo! És um nojo! Será que é assim tão difícil de entender que um ser se torna aquilo que se mentaliza que é. Se eu me mentalizar que sou pássaro, se calhar nascem-me asas e saio daqui a voar.

Carapau: - Não és, nem nunca serás pássaro!

EUphyra pensativa: Os pássaros levantam voo e vão para onde querem, quando querem.

Carapau: - E já pensaste que voar pode não ser o que tanto idealizas? Já pensaste que pode não ser bom ser-se pássaro, quando antes se foi medusa?

EUphyra: Não me importa! Só o saberei se for pássaro! E os pássaro podem cantar!

Carapau: - E tu podes dançar!

EUphyra: - Mas os pássaros também dançam!

Carapau: - Tu lá saberás! Isso são caprichos de medusa "bon vivant", de medusa burguesa, habituada a ter tudo o que quer! Se fosses carapau, isso nem sequer te passava pela cabeça! Não te percebo, medusa. Tu que tens um balão tão bonito, tão translucido, tu que danças tão bem, com gestos ondulantes, tão elegantes, para que queres tornar-te hirta, rija como um pássaro? Para que queres um bico saliente e pêlos e...?

EUphyra: - Não são pêlos, seu bicho estúpido! São penas! Penas, estás a ouvir?! E são bonitas, leves, coloridas!

Carapau: - Ainda bem que tens tanta certeza, mesmo nunca tendo visto um pássaro!

EUphyra: - Vou ter asas! Vou ter asas! E já não te quero ouvir! Não te aproximes mais de mim!

Carapau: - Espero que consigas!

O Carapau abandona-a com um sorrizinho nos lábios

Acto II- Barroco Minimal – a essência de ser EUphyra

Personagens: EUphyra / Cryantis, uma outra medusa

Cenário: EUphyra mantém-se sentada na mesma rocha.

EUphyra para si própria: - Será que quero mesmo ser pássaro?...Maldito Carapau! Quem é que ele pensa que é?! Eu tinha tanta certeza...EUphyra, eu. Não me quero ferir. Claro que sim, gosto da medusa que sou. Já passei tantos momentos bons. Em que ri tanto, em que quis que alguns minutos, algumas horas não acabassem nunca. E se eu for pássaro, voltará a acontecer? Tenho medo. E tenho a cabeça cheia. É uma decisão importante, bolas! Ser pássaro! Ser outra coisa! E antes de mais tenho de saber como ganhar asas. Mas será que quero? E se me tornarem infeliz? E se já não puder dançar? Vou deixar de ter o meu balão...Agora a promessa é ainda: o dia em que eu serei pássaro e cante e voe. Mas, depois de atingido o horizonte, para onde hei-de ir? Que promessas me restarão? Uma coisa é desejar, como desejo. Quando conseguir, o que me ficará para desejar? Só quero fazer o que não consigo, isso não tem nada de mal! Não há nada de errado em querer ser mais e melhor! Que lata, a do Carapau! Tratar-me como se eu fosse uma medusa parvinha que pinta o mundo de cor de rosa! O que ele não sabe é que o pinto de negro e que é precisamente por isso que me dá um prazer imenso salpicá-lo de cor de rosa de vez em quando.

Cryantis aproxima-se de EUphyra, sem que esta dê por nada.

Cryantis: - Minha querida EUphyra,, desculpa intrometer-me. Estava a ouvir-te falar contigo própria. Achei que te devia dizer para não deixares que o passado te leve a cancelar o futuro.

EUphyra sem perceber exactamente o que a amiga entendia com tais palavras: - Haja algém que me trata pelo nome! *pensou para consigo* Obrigada. Ainda não o cancelei. Mas o meu sonho começa-me a dar nós no balão. Quero um futuro brilhante! Mais brilhante! Achas que isso faz de mim mal agradecida em relação ao passado que vivi? É que eu acho que é precisamente o meu passado que me leva a desejar ir mais longe, que me permite pensar em ter asas. Achas que minimizo as outras meduzas e que desprezo a minha condição por querer tanto ser outra coisa?

Cryantis: - Não, minha querida. Não quero compactuar contigo na tua loucura e embora receie que um dia me possas vir a acusar de ter sido insensata por não te ter censurado e dito que é um disparate querer ter asas, não posso deixar de ser sincera contigo e de te dizer que do meu ponto de vista fazes bem em desejar seja o que for. Desejar, só. É precisamente por ser tua amiga que não te vou cortar as asas que já tens sem dares por isso. Não quero encorajar um sonho que possa não vir a concretizar-se, mas acho tão saudável, tão bonita a tua maneira de desejar voar, de teres um sonho no qual realmente acreditas, que não acho disparate nenhum que o alimentes e o deixes crescer, tornar-se tão grande quanto for possível. Sei que pode falhar o teu sonho. Alerto-te para isso. Pode fazer-te sofrer muito, levar-te quase à loucura, pôr-te de rastos, a chorar, com vontade de fugir para ainda mais longe. Mas, minha queridinha, há sempre riscos. Não acho que desprezes nada, nem ninguém. Na verdade, ninguém tem nada com isso. Os que gostam de ti, continuarão a gostar, sejas medusa, ou pássaro. Os que não gostam, continuarão a não gostar, sejas medusa, ou pássaro. Todos lutam por uma única e exclusiva coisa: felicidade. Saberão compreender-te se forem honestos.

Também sei o que é ser medusa. Sei os sacrifícios que implica, as competições a que os seres marinhos nos impelem. Sei que os espectáculos são cansativos, repetitivos e pouco reconhecidos. Se te queres ver livre de tudo isto, sim, minha EUphyra, vai à procura das tuas asas. Mas não tenhas ilusões! Também os pássaros hão de ter obrigações. Também eles serão certamente submetidos a tarefas.

Estive na dúvida se te deveria dar uma informação que tenho, mas olha vou dar-ta, espero que para teu bem. Vai falar com a baleia Branca. Sim, aquela que tanto te falou sobre os seres esvoaçantes do céu. Ela pode levar-te à superfície, levar-te a ver os pássaros. Não serás pássaro ainda, claro. Mas saberás exactamente como são, o que fazem. Poderás ir ter com a Branca amanhã antes das danças começarem. Não encarnarás o teu sonho, mas vê-lo-ás à tua frente. Verás qual a possibilidade de tocar o teu sonho.

EUphyra: - Muito obrigada, Cryantis! A sério! Obrigada por tudo! Pelas palavras, pelo incentivo! Verás que não te acusarei de nada! Por causa de um Carapau que aqui passou, estava a começar a duvidar do que desejo e ajudaste-me a regressar a mim. Obrigada! Amanhã, depois de ver os pássaros, dançarei de certeza melhor do que nunca!

E EUphyra pôs-se a rodopiar, feliz à volta de Cryantis, puxando com os seus mil bracinhos os braços da amiga.

Acto III- Metamorfose – transfiguração de EUphyra em USurA, o pássaro.

Personagens: EUphyra / Branca, a baleia / USurA, o pássaro

Cena I

Cenário: EUphyra atravessa os mares no dorso da baleia Branca. Encantada, observa as gaivotas, os pelicanos, ao longe, alguns flamingos e outras aves.

EUphyra: - Que bonitos, aqueles ao fundo! Que linda cor a deles. Trocaria o meu balão maleável por aquelas patas finas, os meus gestos largos e rastejantes, por aqueles delicados passinhos. São flamingos, dizes?

Branca: - Sim. Mas não são esses que voam mais alto.

EUphyra: - Que pena! E estes? E aqueles? Olha! Aqueles!

Branca sorrindo: - Se queres ser pássaro, EUphyra, vais ter de escolher. Não basta optares por ser pássaro em vez de medusa. Há muitos tipos de pássaros, tal como há muitos tipos de peixes. Tens de escolher o que preferes.

EUphyra: É assim tão simples, Branca? Basta escolher?

Branca: - Não é simples. Mas primeiro é preciso escolher.

EUphyra: - Então...Ouve como cantam! Que alegres são! Cantar é isto! Também quero! Som!

Branca: - Sim, EUphyra. Cantam. Também tu poderás cantar.

EUphyra para um pássaro que se aproxima mais: - Bom dia, pássaro.

USurA: - Bom dia, pequenina.

EUphyra: - És feliz?

USurA: - Muito.

EUphyra: - Gostavas de ser outra coisa?

USurA, indignado: - Não. Que pergunta esquisita!

EUphyra: - Gostavas de estar no mar? De pertencer ao mar?

USurA: - Não, porquê? Para quê estar debaixo de um manto negro e escuro, se posso estar debaixo de um lençol leve, de azul, branco e luz . Porque ver sempre paisagens semelhantes, se posso atravessar continentes e ver todos os dias cenários diferentes?

EUphyra: - Gostavas de ser peixe?

USurA: - Não, criatura! Para quê nadar, se posso voar e refrescar as penas no mar apenas quando me apetece?

EUphyra: - Gostavas de fazer espectáculos de dança todos os dias?

USurA: - Porquê estar condicionado aos mesmos rituais todos os dias?

EUphyra: - Tens perigos a enfrentar? Tens inimigos?

USurA: - Alguns. Todos temos. Mas enfrento-os com bravura! Não tenho medo.

EUphyra para si própria: - Que destemido! Que coragem admirável! Ser pássaro é isto!

EUphyra para USurA: - E como enfrentas os teus inimigos?

USurA: - Com os outros bandos, claro! Coordeno vários bandos de pássaros! Todos temos a mesma alegria, os mesmos amigos, os mesmos inimigos! Somos muito unidos! Bandos unidos!

EUphyra: - Que maravilha! Também gostava de pertencer a um grupo assim! Unido! Quem são os vossos inimigos?

USurA: - Alguns perdadores que tentam devorar-nos.

EUphyra: - E vocês...

USurA: - Nós somos os mais fortes!

EUphyra: -Como te sentes?

USurA: - Sinto-me o ser mais grandioso, mais poderoso e mais sortudo de todos!

EUphyra para consigo mesma: - É isto que eu quero!

Branca: - Agora que vês como são os pássaros , estás decidida? É mesmo isto que queres?

EUphyra: - Sim! Sim!

Branca: - Qual deles queres ser?

EUphyra: - Afinal, é tão simples! É tão simples tornar-me naquilo que pensei nunca poder ser!

Branca: - Qual deles queres ser?

EUphyra: - Quero...Quero...ser como aquele! Como USurA!

Branca: - Muito bem. Então serás aquele. Tentarei tratar de todos os pormenores com a enguia. Ela poderá dar-te o choque electrecizante de que necessitas para que te cresçam asas, para que te venhas a tornar um deles. Amanhã, à mesma hora, vem ter comigo. Estarei com ela à tua espera. Depois, serás pássaro.

EUphyra: - Sim, serei pássaro.

Cena II

Personagens: EUphyra / Várias Medusas / Cryantis

Cenário: madrugada no fundo dos mares, num círculo de rochas enfeitado de corais. EUphyra está radiante. Pousada numa rocha, esfrega-se com misturas de algas, ajeita o balão e prepara-se para a habitual dança da madrugada. Várias medusas que seguem meticulosamente os mesmo preparativos ouvem-na atentamente, ora com expressões de horror, ora exprimindo surpresa, entusiasmo, ou preocupação.

EUphyra: - Já está tudo combinado! Amanhã serei pássaro. Hoje é a minha última dança como medusa. Dançarei como nunca!

Uma medusa: - Mas então sempre é possível?

EUphyra: - Sim, a Branca vai-me ajudar!

Outra medusa: - E eles cantam mesmo?

EUphyra: - Sim! E lindamente!

Primeira medusa: - Mas vais poder visitar-nos?

EUphyra: - Acho que não. Mas darei sempre notícias à Branca, de maneira que ela vos mantenha sempre informadas e peço-vos que façam o mesmo, para que saiba sempre como vocês estão. A Branca dir-vos-á como cantarei bem!

Uma terceira medusa: - Só disparates! EUphyra, és tão tonta que até custa acreditar! Não me vou meter, mas se pensas que serás muito feliz assim, estás redondamente enganada!

EUphyra finge que não ouviu.

Cryantis: - Então sempre vais ser o teu sonho.

EUphyra: - Vai ser amanhã de manhã!

Nessa manhã, a última como medusa dançante, EUphyra dança de tal maneira bem, que os crustáceos demoram mais a recolher, que os seres marinhos

demoram mais a retomar os seus procedimentos habituais de tal modo espantados e comovidos ficam.

Acto IV – Kitsh conceptual – A essência do Pássaro

Personagens: EUphyra / Branca / Ladiness, a enguia

Cenário: Mar. Ladiness e Branca conversam primeiro. Ladiness perto da superfície. EUphyra chega pouco depois.

Ladiness: - Então está decidido! Estão concentradas as energias necessárias. É mesmo isto que ela quer?

Branca: - Sim.

Ladiness: - E ela conhece os procedimentos? Sabe o que diz o código?

Branca: - Não. Mas também não julgo que lhe interesse. Está com tanta vontade de ser pássaro que julgo estar disposta a tudo.

Ladiness: - Se és tu quem o diz...

EUphyra chega.

Ladiness: - Ora aqui está a nossa estrela de hoje.

EUphyra para si própria: - Também não seria mal pensado ser estrela. Agora que as vi, são tão brilhantes!

Ladiness: - Quando me tocares, EUphyra, dar-te-ei um choque eléctrico. Será de tal maneira forte, que deixarás de viver por breves segundos. Quando recuperares a vida, terás asas. Serás um pássaro. Esse que tu tanto desejas.

EUphyra: Sim! Estou pronta.

Ladiness: Toca-me.

EUphyra assim o faz. Por momentos o seu balão retrai-se, os seus bracinhos deixam de se agitar. EUphyra vai sendo sugada, inanimada, para o fundo do mar.

Ladiness segue-a velozmente. Enlaça-a com a sua espinha e trá-la até à superfície. Branca coloca-a então no seu dorso e espera que a medusa que já não o é então recupere a vida.

Acto V- USurA, o Pássaro

Personagens: EUphyra transformada em USurA / Branca

Cenário: Tendo aberto os olhos, EUphyra observa o seu novo corpo: uma penugem reluzente, vermelha, rosa, azul. Eufórica com a sua nova condição, decide experimentar as suas capacidades no exacto momento. EUphyra, transformada em USurA, ensaia em cima de Branca, os seus primeiros vôos.

EUphyra: - Olha para mim, Branca! Estou a voar!

E saltita desajeitadamente nas costas da Baleia, tentando fazer com as penas os movimentos que anteriormente fazia com os seus braços.

Branca: - Sim, EUphyra. Ainda não é bem isso, mas terás tempo de aprender.

EUphyra tentando ouvir o som da sua voz: - Ouves-me cantar? Diz-me, consegues aperceber-te do meu canto?

Branca: Sim, EUphyra. A tua fala é agora melodiosa. Tem sons nunca antes por ti proferidos.

EUphyra: - Sinto-me tão feliz. Sou como USurA, o pássaro!...não sou?

Branca: - Sim. És USurA, o Pássaro!

EUphyra: - Quero mostrar-lhe! Quero mostrar-lhe que, como ele, posso agora atravessar continentes, ver luz. Quero fazer parte dos incríveis bandos destemidos!

Branca: - Farás, com certeza.

EUphyra batendo as asas em direcção ao céu: - Olha, Branca! Levanto vôo! Estou a levitar!

Branca: Sim, EUphyra, sim, vai. És finalmente o teu sonho.

EUphyra: - Adeus, Branca! Adeus! Diz a Cryantis que a adoro! Diz ao Carapau que consegui! Que tinha razão! Voarei por aqui mais vezes para te encontrar, para te dar notícias minhas, para que me dê notícias de todos! Vou procurar USurA para lhe mostrar que sou como ele! Para lhe dizer que me juntarei a ele! Para lhe mostrar que também eu sou corajosa e poderosa!

Branca: - Adeus querida EUphyra!

EUphyra afasta-se cantando.
Branca continua a nadar.

Cena II

Personagens: Branca / Ladiness / O Carapau

Cenário: vasto mar. Ladiness aproxima-se de Branca. O Carapau está perto e ouve a conversa das duas sem que estas se apercebam.

Ladiness: - Ela já foi.

Branca: - Estava muito feliz.

Ladiness: - Ela não sabe.

Branca: - Não. Não lhe disse nada.

Ladiness: - Achas que descobrirá?

Branca: - Talvez não. Encontrará outros pássaros, lançar-se-á em aventuras, fará amigos, cantará, acabará por esquecê-lo.

Ladiness: - Achas que se soubesse, renunciaria ao seu sonho?

Branca: - Quem sabe?

Ladiness: - Porque não lhe disseste?

Branca: - Ela não procurou sabê-lo.

Ladiness: - Ela não poderia saber.

Branca: - USurA chegara ao fim dos seus vôos. Não o ouviste falar. Não poderia ser mais feliz, não poderia ser mais poderoso. Deixemos agora que EUphyra o experimente. A sensação de poder fazer tudo, de não ter limites. Achei que EUphyra o desejava tanto.

Ladiness: - Ainda que tal implique que USurA desapareça.

Branca: - Sim. Não havia outra forma. Para poder voar, era necessário que EUphyra encarnasse um pássaro. USurA foi o que ela escolheu...

Ladiness: - Nunca poderá mostrar-se a USurA.

Branca: - Não, nunca o fará.

Ladiness: - EUphyra é agora USurA.

Branca: - EUphyra é agora USurA.

O Carapau para si próprio: - Eu sabia que uma medusa nunca poderia voar!